

Represálias contra o Brasil. Dos árabes e também dos EUA.

O governo já começou a detectar os sinais de represália contra a moratória. Embora o ministro Dílson Funaro tenha classificado ontem a atitude da Arábia Saudita — de suspender as exportações de petróleo ao Brasil — como um caso isolado, diversos bancos privados vêm se queixando ao Banco Central das dificuldades que estão encontrando em suas operações no mercado norte-americano.

O caso do petróleo, segundo a posição oficial do governo brasileiro, deve se resolver nos próximos dias na base da negociação. "Eles vão voltar atrás", comentou o diretor comercial da Petrobrás, Carlos Sant'anna, ao falar sobre a decisão dos sauditas, que exigiram aval do Tesouro Nacional para continuar fornecendo petróleo ao País. "Realmente, estamos perplexos", admitiu ele, "pois todos os demais vendedores nos deram solidariedade e ainda ofereceram mais petróleo. Eles sabem que o Brasil já superou crises semelhantes".

Sant'anna explicou que não é a primeira vez que a Arábia Saudita faz esse tipo de exigência. Segundo maior fornecedor de petróleo ao Brasil, com 125 mil barris diários (21% das importações do País), a Arábia já em 83 pediu uma carta de crédito especial, fornecida por algum grande banco internacional, para continuar vendendo. A mesma exigência foi feita no último dia 7, e contornada sob a ameaça da Petrobrás de simplesmente suspender as compras de petróleo saudita. Agora, os árabes repetem o pedido. "Dificilmente o Brasil conseguiria obter carta de crédito nesses bancos", diz Sant'anna, como que admitindo as dificuldades causadas pela moratória.

Mas ele próprio concorda com o ministro Funaro, que ontem definiu a situação como "muito tranquila". A Petrobrás vai esperar até segunda-feira para que a Arábia Saudita

decida mudar de idéia; caso contrário, irá recorrer a outros fornecedores habituais, como a China e a Nigéria, ou mesmo a outros produtores, como Kuwait e Qatar.

Mas os alemães apóiam

Mesmo depois da moratória, os negócios do Brasil com a Alemanha Ocidental — um dos principais credores do País — continuam se desenvolvendo normalmente. Pelo menos é o que diz comunicado distribuído ontem pelo Banco Germânico da América do Sul, com sede em Hamburgo, revelando que os créditos comerciais de curto prazo para empresas brasileiras estão sendo renovados como de hábito.

"O Brasil vem pagando pontualmente suas dívidas", disse o porta-voz da instituição, Albrecht Raedecke. Exatamente por causa disso, explicou ele, a decisão de suspender a remessa dos juros da dívida foi recebida com surpresa pelos bancos alemães, já que na prática essa medida ainda não atingiu esses credores.

O relatório do Banco Germânico da América do Sul vai mais longe, definindo os negócios com o continente como satisfatórios. No ano passado, diz o documento, a América Latina teve um crescimento econômico de 3%, contra 3,5% em 85, ligeiramente superior ao aumento da população. O Brasil é o segundo colocado nessa lista, com um crescimento de 7%, enquanto o Peru registrou o maior índice: 8%.

Mas o relatório também define como "decepção" a performance comercial do continente, cujo superávit teria caído 50% em relação a 85, ficando em torno de US\$ 15 bilhões. As principais causas, diz o documento, foram as quedas nas cotações do petróleo — que afetou principalmente o México e a Venezuela — e as outras matérias-primas — que significou grandes perdas para o Brasil, Colômbia e Argentina. Atualmente, a dívida dos países latino-americanos chega a US\$ 396 bilhões.

Também o Irã, que atualmente vende 30 mil barris diários ao Brasil (dos 600 mil que o País compra diariamente), já fez uma oferta para aumentar essa cota em mais de 30 mil barris.

Normalmente, o pagamento é feito através de remessa de dinheiro ou carta de crédito do Banco do Brasil, que todos os países aceitam. Agora, com a recusa da Arábia Saudita em aceitar esse documento, o governo terá que pensar em alternativas. Um dia após a decretação da moratória, a Petrobrás informou que os estoques de petróleo no País seriam de 42 milhões de barris. Mas anteontem o presidente da empresa, Ozires Silva, deu números diferentes: as reservas seriam de 26,2 milhões de barris, para um consumo diário de 1,2 milhão — além disso, haveria mais 18,1 milhões a bordo de navios, 18,8 milhões nas distribuidoras e 5,2 milhões de barris em derivados.

Ontem, Sant'anna recusou-se a atualizar esses números. "Os estoques estão equilibrados", disse ele, "mas nenhum país do mundo fica anunciando seus estoques a toda hora".

Além das restrições sofridas pela Petrobrás em função da moratória, também os bancos brasileiros com agências no Exterior estão tendo dificuldades. Nos últimos dias, têm aumentado as queixas junto ao Banco Central em relação à perda de depósitos voluntários dessas agências, principalmente nos EUA.

Outra restrição diz respeito à sustentação das linhas de curto prazo. Tradicionalmente, cheques a caminho da compensação são cobertos pelos bancos americanos por algumas horas ou, em casos extremos, até durante alguns dias. A partir da decretação da moratória, essa facilidade tem sido recusada para a maioria dos bancos brasileiros.